

BAILEY HANNAH



**EM BUSCA
DE RUMO**

SÉRIE WELLS RANCH

**TOP
SEL
LER**

*Para todas as pessoas que já sentiram que eram
demasiado e não o suficiente ao mesmo tempo.*

AVISOS DE CONTEÚDO:

- Doença de Alzheimer (referência explícita)
- Consumo de álcool (explícito)
- *Bullying* (referência explícita)
- Histerectomia de emergência (referido, não representado)
- Homofobia por parte de uma personagem secundária (explícito)
- Infertilidade (referência explícita)
- Abandono parental (referência explícita)
- Doença de progenitor (referência explícita)
- Fuga infantil (referência explícita)
- Parto traumático (referido, não representado)
- Cenas de sexo explícito, incluindo sexo com roupa, elogios sexuais, dominância feminina e *bondage*.

1

Whit



Ainda nem são dez da manhã e já estou a olhar para um pénis es-carlate no gabinete do diretor. O diretor Maher — cujo rosto está exatamente da cor do pénis anatomicamente correto — não para de o abanar. Recuo quando o empurra na direção da minha cara.

Uma chávena de café *não* tem cafeína suficiente para lidar com isto.

— Não me parece que esteja a compreender a gravidade da situação, Sra. Hart. — A expressão carrancuda permanentemente estampada na sua cara rubra agrava-se quando guarda a folha de papel numa pasta espessa na sua secretária.

Passando as unhas pelo cabelo, reajusto-me no assento para, através da abertura da porta do gabinete, espreitar o meu filho de 10 anos, que está afundado numa cadeira ao lado da secretária da rececionista.

— Compreendo perfeitamente.

Não compreendo.

Suponho que não seja incrível que um miúdo desenhe um pénis gigante no seu teste de inglês — consigo perceber que seja problemático que uma sala cheia de alunos do quinto ano o tenha visto. Mas isso não é nada em comparação com desenhar uma pila na

porta do diretor ou deitar uma bomba de mau cheiro na aula, ambos os comportamentos devidamente punidos com suspensões no início do ano letivo. E é *definitivamente* menos mau do que o soco no queixo a meio de um jogo de futebol, que provocou a sua expulsão da equipa há uns meses.

— Eu só... — Uma golfada pesada de ar bafiento enche-me os pulmões. Com a palma pousada sobre o braço da cadeira, fito o diretor apático e prossigo com o discurso que tenho estado a ensaiar desde que recebi o telefonema da escola esta manhã. Controlada, calma, e a fazer o meu melhor para não ser o fracasso de mãe solteira que sei que ele acha que sou. — Sr. Maher, percebo que o comportamento do Jonas tenha perturbado a turma hoje, e reconheço que não é a primeira vez que arranjou problemas...

O homem solta um som de escárnio.

— Longe da primeira vez.

Volto a olhar de esguelha para o meu filho.

— Acredite que ninguém está mais frustrado do que eu. Estou a fazer o meu melhor para criar um miúdo bondoso e respeitador, e levo estas situações muito a sério. Mas retirá-lo da sala de aula e afastá-lo dos colegas, ou seja, ostracizá-lo, não é a resposta. O que ele precisa neste momento é de estabilidade e apoio.

— Sra. Hart, deixámos claro, tanto a si como ao Jonas, que o próximo incidente resultaria em consequências sérias...

Interrompo-o, inclinando-me para a frente e pestanejando para afastar as picadas nos meus olhos:

— Mas essas consequências deveriam contribuir para o ajudar a tornar-se uma pessoa melhor, e não consigo ver como é que expulsar um miúdo de 10 anos o irá beneficiar.

O homem de 50 e poucos anos sentado à minha frente mordisca o interior da bochecha em silêncio, enquanto percorre a pilha organizada de papelada dentro da pasta recheada de incidentes do Jonas.

Assim, prossigo, arrancando o verniz preto lascado na unha do polegar:

— Ele tem feito consultas regulares com a orientadora educacional. Acha que o mau comportamento do Jonas se deve ao pai. Preocupo-me com o que irá acontecer se tiver ainda menos estabilidade na vida.

Pedir ao diretor para voltar atrás na sua decisão é um tiro no escuro. Eu sei. Mas é tudo o que me resta. As alternativas são sair de Wells Canyon — inscrever o Jonas numa nova escola e esperar que não repita as suas tretas — ou ser eu mesma a dar-lhe aulas em casa enquanto exerço o meu teletrabalho a tempo inteiro.

Emoções e bilis acumulam-se na parte de trás da minha garganta, apesar das minhas valentes tentativas de as engolir.

— Sei que está a tentar fazer o que é melhor para a escola. Peço-lhe apenas que também me ajude a fazer o que é melhor para o Jonas. É um bom miúdo, lá no fundo, mas, neste momento, precisa de um pouco mais de paciência e orientação.

Com um resmungo, o diretor esfrega o rosto cansado com a mão. Um raio de sol irradia por entre as persianas meio partidas, projetando sombras sobre a secretária de carvalho e trazendo algum calor ao gabinete que, de outro modo, estaria gelado. Não sei se será pela decoração insípida, pelo bolor que sei estar presente debaixo das manchas de água no teto, ou pela sensação apertada de estar a falhar como mãe, mas o gabinete do diretor Maher deixa-me fisicamente doente sempre que cá venho.

Estou a poucos segundos de começar a implorar, quando ele me olha através das sobranceiras farfalhudas e atira um aceno hesitante.

— As férias começam daqui a umas semanas. O Jonas pode voltar amanhã, desde que esteja disposto a passar a hora de almoço no meu gabinete todos os dias até ao final do ano letivo.

O meu maxilar relaxa e a palavra sai disparada com um suspiro de alívio:

— Obrigada.

— E nada de mais... *ideias criativas*. — Com uma tosse cheia de catarro, o homem apressa-se a pegar na pasta, virando-se na cadeira para a arrumar num armário.

— Eu falo com ele. — Levanto-me, pressionando as palmas húmidas contra os apoios do assento.

O Jonas vai detestar passar a hora de almoço aqui.

A porta do gabinete fecha-se suavemente atrás de mim e a rececionista fita-me com uma expressão de familiaridade cansada.

— Anda. — Faço sinal ao Jonas, pousando a mão no seu ombro para o levar para fora do edifício.

Nenhum de nós diz uma palavra.

Nem durante a viagem de cinco minutos até casa, nem quando entramos e deixamos os sapatos na entrada, nem quando ficamos ombro a ombro na ilha da cozinha, cada um a beber um copo de água.

Porém, quando ele abandona o seu e começa a andar até às escadas, aclaro a garganta. Pouso o meu copo meio-bebido com estrondo na bancada branca com padrão salpicado.

— A louça suja é no lavatório.

O Jonas tomba a cabeça para trás e resmunga como se lhe tivesse dado mil horas de trabalho comunitário. Pensava que as miúdas pré-adolescentes eram as únicas com mau feitio, mas a lentidão com que arrasta as meias e a expressão de completa tortura no rosto indicam o contrário.

— Não estás suspenso, mas tens de passar todas as horas de almoço com o diretor Maher até às férias de verão.

— *O quê?* — Pestaneja para mim, com a repulsa a contorcer-lhe o rosto. — Não. Não vou fazer isso.

— Jonas...

Atira o copo para dentro do lavatório com tanta força que até me admira não o partir.

— Almoçar com o diretor é tão vergonhoso.

— Ser expulso da escola é que é *vergonhoso*. Desenhar pénis na propriedade da escola é *vergonhoso*. — Reparo na forma como os seus lábios se curvam ao ouvir a palavra *pénis*. Parece que todas as aulas de educação sexual para as quais tive de assinar um formulário

em setembro não chegam para impedir rapazes pré-adolescentes de se rirem com partes do corpo. — E vai ser mega vergonhoso quando tiveres o quinto ano aos 40 anos.

— Não o vou fazer — afirma, revirando os olhos e afastando-se como uma versão miniatura do pai.

— Não tens escolha.

Subindo os degraus dois a dois, o Jonas desaparece da minha vista. A ignorar-me à descarada.

— Jonas! — chamo-o, o que me seca a garganta.

Segundos depois, estou a agarrar a maçaneta dele e a escancarar a porta. Por norma, temos um acordo mútuo para respeitar a privacidade quando as portas estão fechadas — mas agora? *Que se lixe a privacidade dele.*

— Ainda não acabámos de falar sobre isto.

Ele levanta o olhar para mim, sentado de pernas cruzadas na cama enquanto faz deslizar os fones por cima dos ouvidos.

— Nem pensar. — Tiro-lhe a consola das mãos e semicerro os olhos. — Estás de castigo.

O Jonas atira as mãos para o ar com um grunhido desagradável.

— Mas o Maher não me suspendeu.

— *Estás a gozar?* Isso não significa que não existam consequências na mesma. — Aproximo a consola do peito, agarrando-a como o resgate valioso que é. — Estás de castigo até... até... — *É sempre aqui que me espalho.* — Até às férias de verão.

— Até às férias de verão? — A sua voz sobe uma oitava e fraqueja no fim. — Mas ainda faltam *duas* semanas. Não vou...

— Conseguir ir à festa de final de ano na piscina do teu amigo este fim de semana? Pois não. Não vais. Talvez se parasses para *usar o cérebro* nem que fosse por, sei lá, meio segundo, antes de fazeres coisas estúpidas, não estivesses nesta embrulhada.

— Toda a gente vai à festa do Logan.

— Correção: toda a gente menos tu. — Giro sobre os calcanhares. — Vais ficar aqui mesmo.

Assim que a porta se fecha com estrondo atrás de mim, a sua voz ríspida e chorona grita:

— Sua cabra!

E podia virar-me. Podia voltar a entrar no quarto e castigá-lo até setembro. Era o que os meus pais teriam feito, embora não lhes tenha corrido muito bem, tendo em conta que evito ao máximo relacionar-me com eles agora que sou adulta. Não são maus pais, propriamente. Apoiaram-me quando o Jonas era bebé e precisei de ajuda. Mas também criticaram imenso os meus erros. Julgaram-me por expressar emoções. Rebaixaram-me por ter opiniões.

Recuso-me a fazer o mesmo.

Assim, apesar desse desejo inato de descarregar toda a minha raiva acumulada no Jonas, solto um suspiro trémulo e atravesso o corredor, estudando os sulcos no chão para me impedir de chorar.

Oh, olha o par daquela meia de há bocado.

Num movimento ágil, apanho-a e atiro-a para a máquina de lavar aberta na nossa pequena lavandaria. Faço deslizar a porta de correr para ter um momento de paz e ligo a máquina de secar vazia antes de me afundar no chão.

O meu pai é dono de uma loja de ferragens, mas ainda não mencionei os sons metálicos e os baques da minha máquina de secar porque são barulhentos o suficiente para abafar qualquer ruído, e prefiro que o meu filho de 10 anos não me ouça soluçar. Não é o tipo de miúdo que entraria na lavandaria sem ser obrigado — como é evidente pelas meias desirmanadas — e às vezes preciso de um minuto.

Hoje, preciso de vinte.

Com os joelhos encostados ao peito, deixo as lágrimas fazerem ricochete das minhas pernas. Riachos incessantes escorrem pelas minhas bochechas, fazendo arder a minha pele seca, e encosto a cabeça contra o ressoar desagradável da máquina.

Falhei com ele.

Estou a falhar com ele.

É tudo verdade. Todas as coisas horríveis que as pessoas disseram desde o momento em que anunciei que estava grávida aos 18 anos. Mesmo agora, com 29 anos, sou a miúda rebelde que teve um bebé em adolescente com um mandrião.

Deixo o meu miúdo nas aulas com um almoço que representa perfeitamente o *Guia de Alimentação Saudável* enviado pela escola, para que o professor tenha menos um motivo para me olhar de lado. Certifiquei-me de que o Jonas começava a falar com uma psicóloga desde o primeiro «incidente» no ano passado. Não faço nada imprudente porque tudo se sabe nesta cidade pequena.

E podem crer que falam pelos cotovelos.

Cada escolha que fiz desde o dia em que as duas linhas apareceram no teste de gravidez, na casa de banho de uma estação de serviço, tem sido a pensar naquilo que será o melhor para o meu filho. E, de alguma forma, continuo a falhar.

Um soluço angustiado escapa-me ao pensar em quão perto estivemos de ser expulsos hoje. Passo as costas da mão pelo nariz molhado enquanto rogo pragas silenciosas ao Jonas por se estar a lixar.

— Como é que ele consegue não se importar? — murmuro para a estúpida estatueta do sapo com uma placa que diz *STRESSA MENOS, SALTA MAIS*, pousada no peitoril da janela à minha frente. Foi um presente do Dia da Mãe que o Jonas me deu quando tinha 7 anos, porque mencionei ter adorado os sapos que vimos numa ida ao lago. O Jonas tem — ou tinha, pelo menos — a capacidade de ser um miúdo atencioso e querido.

Agora, são telefonemas e reuniões e intervenções. É convencer os professores, o diretor e os funcionários do agrupamento de escolas que o meu filho não é um caso perdido. É pedir desculpa pelo seu comportamento.

Depois, é sentar-me ao lado da máquina de secar barulhenta e instável até as minhas lágrimas se terem reduzido a umas gotas

e sentir a cabeça a latejar. É aconchegar o meu bebé querido e dorminhoco antes de me enfiar na cama.

E então começa a contagem decrescente para o seu próximo incidente.

O toque do telemóvel na mesa de cabeceira desperta-me com um sobressalto, e silencio-o antes que haja qualquer risco de incomodar o Jonas ao fundo do corredor. Esfrego os olhos para combater o ardor da luz intensa e atendo com uma voz áspera.

— Oi, amor — murmura o Alex, o meu ex, pelo altifalante.

— Estamos a meio da... — Bocejo. — Noite. Estás bem?

— Sim, amor. Estou ótimo. O que andas a fazer?

— *Estava* a dormir. É, tipo, uma da manhã. — Coloco a mão livre atrás da cabeça para ajeitar a almofada, depois puxo o cobertor até ao queixo. — Do que precisas?

— Tinha só saudades de ouvir a tua voz... de ver a tua cara.

Por mais que tente, não consigo evitar as palpitações no meu peito. Contudo, engulo em seco e atiro um:

— Ah, tinhas?

— Estou estacionado aqui fora, se me quiseres deixar entrar.

De facto, ao ficar uns momentos em silêncio, consigo ouvir o motor do seu carro estupidamente barulhento. O Alex faz isto porque sabe que não vou recusar, embora tudo fique pior sempre que passa a noite na minha cama. Se o obrigar a sair antes de o Jonas acordar, sinto-me horrível por não os deixar passar tempo juntos. Contudo, quando permito que fique, isso mexe com a cabeça do Jonas e deixa-o mal-humorado.

Suspiro, arrastando-me para fora do conforto da minha cama e avançando às apalpadelas pelo corredor escuro.

— Está bem, mas tens de sair antes de o Jonas acordar.

Oíço o motor desligar-se na noite silenciosa e o ar quente de junho atinge-me o rosto quando abro a porta, mesmo a tempo de o ver subir os degraus da entrada.

Ao entrar, o Alex atira-me um sorrisinho e pisca-me o olho. *Porra*. Não devia ceder tão facilmente a um homem com um simples sorriso e uma piscadela a meio da noite.

Os seus olhos reluzem sob a luz fraca e uma mão calejada percorre o meu cabelo escuro e solto, antes de me agarrar a nuca.

— Tive saudades tuas.

O instinto e o hábito tomam conta de mim, e derreto com o seu toque.

Odeio isto.

— Tenho de voltar para a cama. — Aponto com a cabeça para o corredor estreito. — Foi um dia longo e tenho imenso trabalho para despachar amanhã.

Descalçando os ténis — atirando-os ao acaso, tal como o filho —, o Alex agarra a minha cintura com firmeza enquanto avançamos sorrateiramente para o meu quarto.

Por norma, seria provocadora e amável. Por mais que insista que está tudo acabado com ele, não consigo evitar os sentimentos que desperta em mim. Namorámos e acabámos várias vezes no liceu, engravidei dele mesmo depois de concluímos o secundário, e tentei ao máximo que as coisas resultassem pelo Jonas. Não resultaram, *como é óbvio*, e só me resta o que quer que isto seja...

Liga-me sempre que se sente solteiro e solitário, ou quando bebeu uns copos a mais, ou nas raras ocasiões em que fica de consciência pesada e quer fazer uma boa ação pelo filho.

E deixo-me sempre espezinhar.

Hoje não. Hoje, sinto-me demasiado cansada para me importar com o que ele quer ou o motivo pelo qual apareceu. Pode dormir na minha cama, mas essa é a *única* coisa que vou permitir. Entro para o meu lado ainda quente da cama e puxo o cobertor até ao queixo, ajustando-me para ficar confortável.

O Alex coloca o braço à volta da minha cintura, puxando-me para fazer conchinha, e, poucos segundos depois, os seus dedos deslizam para debaixo da bainha da minha t-shirt.

— Hoje não, estou exausta — sussurro.

— Nem uma rapidinha?

Pego na sua mão atrevida e afasto-a da minha barriga.

— O Jonas quase foi expulso hoje.

— *Expulso?* — A sua cabeça ergue-se da almofada, entrando no meu campo de visão de repente. — Como é que pode ser expulso durante as férias de verão?

— Ainda faltam duas semanas de aulas. Enviei-te uma mensagem sobre a reunião de final de ano, lembra-te?

— Ah... pois foi. — *Não se lembra.* — O que é que ele fez desta vez?

— Entregou um teste de inglês com um desenho de uma pila enorme.

O Alex ri-se.

— A sério que o iam expulsar por *isso?* O miúdo tem 10 anos. Pilas são hilariantes nessa idade.

Aos 10 anos e aos 29, pelos vistos, a julgar pela força com que as gargalhadas silenciosas do Alex estão a fazer o colchão vibrar.

— Pois, mas a escola não achou hilariante. Sobretudo tendo em conta que isto estava longe de ser a primeira infração dele. Tive de lá ir hoje e pedir ao diretor que lhe desse mais uma oportunidade. — Suspiro. — Graças a Deus que a escola está quase a acabar... Não me parece que ele tenha mais compaixão por nós.

— Deixa-me ir da próxima vez.

— Deixo-te ir? — Viro-me para o encarar, pasmada e à procura de uma explicação. O Alex *nunca* se ofereceu para aparecer em qualquer tipo de reunião escolar. Mesmo quando chorei e implorei por uma pequena ajuda, arranjava sempre uma desculpa.

— Sim, deixa-me meter algum juízo na cabeça do idiota que gere aquele sítio.

O Alex massaja-me o ombro, depois beija-o enquanto o seu toque vai descendo pelo meu braço. Convenientemente, volta à parte de baixo da minha t-shirt e começa a puxá-la. É a única explicação de que preciso. Está a tentar dar-me a volta.

Um dedo brinca com o elástico das minhas calças de pijama.

— Agora, onde é que íamos?

— Estou a tentar ter uma conversa séria contigo sobre o nosso filho.

O Alex resmungava e, mesmo na escuridão, sei que está a revirar os olhos tal como o Jonas fez esta tarde.

— Credo, Whit. Já disse que vou lá à escola da próxima vez. O que mais há para falar?

— Podes falar com o Jonas? Tipo... de homem para homem. Ele nunca quer ouvir nada do que lhe digo. — Mordo o lábio inferior. — Talvez pudesses levá-lo à pesca? Não teve oportunidade de ir com o meu pai desde que a minha mãe foi diagnosticada com Alzheimer.

— Sim, tranquilo.

— Uau, não fiques tão entusiasmado com a ideia de criares laços com o teu filho.

— Tenho estado super ocupado com o trabalho, Whit. E não vim aqui para me chatearem com estas merdas. — Deixa de me tocar por completo, criando uma separação de pelo menos trinta centímetros entre nós na cama. Parece que desistiu daquilo que o trouxe até aqui, o que não me incomoda, honestamente.

— Desculpa — murmuro, virando-me para o lado oposto.

Ele expira pelo nariz e o colchão afunda-se e abana enquanto se põe confortável. Graças à choradeira na lavandaria, só me restam umas lágrimas soltas para verter. Apenas o suficiente para encharcar a fronha da almofada e atirar-me para um sono profundo.

Quando acordo, o Alex já se foi embora.

2

Whit



— Jonas — sibilo. — Para com isso.

Ele sacode-se até se soltar do meu aperto forte no seu ombro, atirando-me um olhar que me atinge com tanta força como se tivesse dito para me ir foder. Felizmente, não recomeça logo a atirar mãos cheias de gravilha para o miúdo magricela no baloiço, que era o que estava a fazer há pouco, antes de eu ter corrido pelo parque para o confrontar. Agora está a andar em direção ao seu novo grupo de amigos, e a forma como cochicham, reunidos num círculo, é tudo menos tranquilizadora.

— Porra — murmuro entre dentes.

— Essa palavra é feia — praticamente grita o miúdo no baloiço. Agora também me sinto um pouco tentada a atirar-lhe pedras. — A minha mãe diz que tens de meter pimenta na língua por dizes essa palavra.

Que engraçado, tendo em conta a quantidade de artigos sobre *parentalidade positiva* que a mãe dele partilha nas redes sociais.

— Desculpa — digo por cima do ombro. Apertando a cana do nariz entre os dedos, afasto-me sem perder o Jonas de vista, tal como as outras mães fofoqueiras do outro lado do recreio.

Foi uma ideia estúpida trazer todos os alunos e pais aqui para celebrar o último dia de aulas. Numa cidade pequena onde toda a gente se conhece, este tipo de socialização forçada transforma-se numa fossa de rumores e olhares atravessados. Não há ponche de frutas e cachorros-quentes grelhados que cheguem para reparar relações fraturadas desde que éramos miúdos neste mesmo recreio.

— Rapazes, não é? — diz a Megan, uma das mães coscuvilheiras, soltando uma gargalhada falsa ao ver-me chegar. — *Ainda bem* que tive meninas.

Alisando a parte da frente da minha blusa, passo por cima da travessa que separa a área das crianças da dos adultos. A madeira escura cria uma linha nítida entre o cascalho cinzento e a relva verde. A diferença entre retaliar contra os nossos inimigos com punhados de pedras ou palavras mesquinhas.

— *Pois*, os miúdos podem ser uma trabalhadeira — contengo o que *quero* dizer, esboçando um sorriso falso para combinar com o seu. É a minha expressão habitual de dona de casa perfeita. Fazo-a tantas vezes e tão bem, que se poderia argumentar que este se tornou o meu sorriso verdadeiro.

— Deve ser bom ter energia para andar a correr atrás dele... Imagino que seja uma vantagem de se ser mãe *mais cedo*. — A Megan faz o mesmo comentário que já ouvi as outras mães fazerem aproximadamente um milhão de vezes aqui. Nada lhes dá mais gosto do que mandar bocas sobre o facto de ter tido um filho logo a seguir ao liceu, como se isso fosse um crime.

Ela inclina a cabeça para ver o Jonas e o amigo brincarem à luta. *Meu Deus, espero que seja a brincar.*

— O Jonas faz tanto lembrar o Alex.

— Bem, eu não diria *isso*.

O Alex era um autêntico terror. E, embora adorasse o quanto os meus pais o detestavam quando era adolescente, a última coisa que desejo é que o Jonas seja como o Alex era. E *é*.

— Hum — pronuncia com os lábios cerrados. — Quantas vezes é que o Jonas foi suspenso este ano?

As amigas — ou melhor, as seguidoras — da Megan desviam o olhar e apressam-se a levar os copos de ponche aos lábios.

— É coisa de rapazes, não é? O Jonas... bem, *não* é o Alex. — Coloco uma madeixa de cabelo liso atrás da orelha, consciente do aumento da minha pulsação. — Seja como for, tenho de ir para casa para uma reunião de trabalho. Espero que tenham um ótimo verão.

Sem esperar pela resposta, volto a entrar no mundo das crianças e considero pegar numa mão cheia de pedras — ou talvez na engenhoca para soprar bolas de cuspo que o Jonas parece estar a segurar — e fazer pontaria direta para a cara da Megan. O problema de tentar educar uma criança que não seja como o Alex é saber que tenho de dar um bom exemplo. Mesmo — ou talvez, sobretudo — quando é difícil.

Aos poucos, o ruído dos pais transforma-se em crianças aos berros, guinchos incessantes de um balancé a precisar de óleo e ténis a correr por todo o lado na gravilha densa. Os miúdos dão voltas ao recreio, já em grupinhos semelhantes aos dos adultos, e o Jonas enfia a caneta desmanchada no bolso de trás das calças de ganga ao ver-me aparecer.

— Oi, miúdo. — Coloco-me ao lado dele, baixando-me para puxar discretamente a arma de bolas de saliva. O Jonas vira-se para me fulminar com o olhar e, com a mão livre, agarro-lhe na nuca e puxo-o para o abraçar. Dou-lhe um beijo ruidoso no cabelo louro desgrenhado, para seu grande desgosto.

É a paga por me teres olhado de lado no recreio.

— Tenho de ir andando. Hoje vamos jantar a casa dos avós. *Vem logo para casa* depois da escola, está bem?

— Está bem. — Solta-se do meu abraço.

— Logo. Para. Casa.

— Sim, *mãe*. Já podes ir embora.

— É estranho que me chames mãe como se fosse um insulto.
— Despenteio-lhe o cabelo para rematar, humilhando-o em frente aos amigos e, simultaneamente, fazendo-nos parecer uma dupla amorosa de mãe e filho perante qualquer boato que possa surgir. — Vemo-nos em casa. *Amo-te.*

Pouco depois das seis, eu e o Jonas estamos no alpendre dos meus pais a sentir o sol nas costas e uma brisa a soprar-me as pontas do cabelo. A minha mão hesita na maçaneta, e olho para o meu filho.

— Porta-te bem.

— Não faças essa cara. Pareces a Roz do *Monstros e Companhia*.
— Franze o sobrolho a fingir, fazendo uma imitação amadora da voz ríspida da Roz: — *Jonas Hart, é bom que te portes bem em casa da avó.*

— Estou a falar a sério, Jonas. Tens sorte por estares a ver a luz do dia. — Lanço-lhe um olhar grave. — A avó tem passado um mau bocado, e fica feliz sempre que te vê. É a única razão pela qual saíste do castigo uma noite antes.

O Jonas esfrega os lábios por momentos e murmura:

— Vou portar-me bem. Prometo.

A minha mãe foi diagnosticada com Alzheimer precoce no final do ano passado e, embora tenha sido difícil aceitar o diagnóstico, também não foi surpresa nenhuma. Como trabalho a partir de casa e moro perto dos meus pais, sempre fui o primeiro ponto de contacto para qualquer chave desaparecida, objeto esquecido ou momento de confusão mental. Ou melhor, *era* a pessoa a quem recorriam até a minha irmã ter voltado para casa há uns meses para cuidar da nossa mãe.

— Olá — grito à entrada, descalçando os ténis ao lado do Jonas. Ele adianta-se e corre de meias até à sala, recebendo uma gargalhada da minha mãe. Quer esteja lúcida ou não, ele parece saber exatamente como lhe alegrar o dia.

Nada na casa dos meus pais mudou nas últimas décadas. O sofá verde-floresta onde dei o meu primeiro beijo, os gansos decorativos brancos e azul-bebés na cozinha, e as inúmeras conquistas da minha irmã dispostas por cima da lareira. Toda a casa tem uma tonalidade dourada, nas fotografias de família parecemos felizes e há um aroma quente a canela a pairar no ar.

É acolhedora, mas não sinto que seja a minha casa. Nunca senti, realmente.

Sou a peça que não encaixa bem no puzzle, e passei anos a limar as minhas arestas para tentar fazer parte desta família de algum modo significativo — o que, inadvertidamente, me deixou irregular e ainda menos propensa a conectar-me. Amo os meus pais e sei que eles me amam, mas a nossa relação é apenas superficial, no máximo. E desde o diagnóstico aceitei o facto de que nunca teremos oportunidade de mudar a situação.

Sem falta, o Jonas vai direto para o frigorífico para tirar uma lata de *root beer*, depois senta-se no canto do sofá. Cumprindo uma promessa, para variar, fica a conversar com a minha mãe sobre o seu último dia de aulas.

— O pai? — Afundo-me num banco alto ao lado da minha irmã.

A Blair estica o tronco esguio por cima da bancada e o cabelo castanho cai-lhe pelo rosto, ao pegar num copo de vinho equilibrado no corredor da louça.

— Está lá fora a fazer hambúrgueres.

Já devia saber. É a única coisa que o nosso pai sabe cozinhar.

— É só isso que vocês comem? — Arqueio a sobrancelha, vendo a minha irmã mais velha servir-me um copo valente de vinho tinto.

— Nas noites em que ele cozinha? Sim.

O primeiro gole desliza-me pela garganta e aquece-me instantaneamente o estômago, enquanto agarro no copo com as duas mãos como se fosse uma caneca de chocolate quente numa noite de inverno. E o calor espalha-se pelas minhas veias, pulsando com força

no peito quando ouço o Jonas a concordar fazer um puzzle com a minha mãe.

— Como foi a festa na escola hoje? — A Blair fita-me através do rebordo do copo.

Resfolego.

— *Esplêndida.*

— Foi assim tão má?

— Não faltaram olhares antipáticos do esquadrão de mães.

A Blair põe a cabeça de lado com uma expressão interrogativa.

Paro para observar o meu filho e baixo a voz, o que obriga a Blair a aproximar-se para ouvir.

— Ele desenhou um *pénis* no teste de inglês há umas semanas. Decerto todos os pais ficaram a saber.

A minha irmã tapa a boca com a palma da mão, abafando uma pequena gargalhada.

— Quase tive de implorar para o diretor não o expulsar, Blair. O que raios vou fazer se não o admitirem no próximo ano ou assim?

— Não podem fazer isso, pois não? Não existem mais escolas nesta zona.

— Acho que podem fazer o que quiserem. — Levo as pontas dos dedos aos cantos dos olhos, como um lembrete silencioso para não chorar.

Se chorar, os meus pais vão querer saber o que se passa. E se lhes contar sobre o incidente do Jonas voltarei a ser um fracasso aos seus olhos. A minha mãe está lúcida o suficiente para me dar um sermão sobre parentalidade e faria um discurso sobre como lidou com situações semelhantes quando eu e a Blair éramos pequenas, como se andasse a receber prémios de melhor mãe do mundo. O meu pai iria abanar a cabeça em sinal de profunda desilusão, depois desviaria logo o assunto.

— Pelo menos vêm aí as férias de verão. Talvez ele esteja melhor, um pouco mais maduro, quando voltar no outono?

— Sim... — Um suspiro vacilante provoca-me arrepios pela espinha. — Mas não sei o que fazer com ele este verão. Se ficar em casa, já sei que não vai fazer nada além de jogar videogames e discutir comigo.

— Mas eles ainda fazem acampamentos de verão no Salão de Agricultura?

Assinto, bebendo um gole de vinho.

— Não têm pessoas interessadas suficientes para o organizar durante todo o verão, mas ele vai para lá na próxima semana. Foi o Alex que pagou.

— É o mínimo que pode fazer.

O mínimo dos mínimos.

— Eu ajudo no que puder. Já sabes — declara a Blair. O gargalo da garrafa tilinta no rebordo do seu copo. — Só tenho de... remarcar umas coisas. E se o levar comigo para a clínica outra vez? Ou posso dizer à Cassidy que não vou conseguir fazer de *baby-sitter* durante um tempinho.

— Blair, não precisas de...

— É na boa. Não me custa nada ajudar.

— Pedi ao Alex para passar tempo com o Jonas este verão, mas o trabalho anda a exigir muito dele, ao que parece. Acho que pagou pelo acampamento só para eu o largar. — Mordo o interior da bochecha, consumida pela emoção presa atrás dos meus olhos e na garganta.

— Quem me dera que parasse de ser um canalha.

— Nem me digas nada. — Com um suspiro, olho em volta da cozinha da minha infância, revivendo as memórias vívidas das várias discussões com os meus pais por causa do Alex. No que toca a ele, *canalha* é um dos insultos mais brandos que já foi atirado entre estas quatro paredes. — Mas ele até tem razão. Como é telhador, o verão é a estação mais concorrida.

— *Tretas*. Tens de parar de o deixar entrar na tua vida sempre que lhe apetece.

— Eu sei. *Eu sei...* Mas é o pai do meu único filho. Houve tempos em que o amei. Não é assim tão simples.

O olhar melancólico da Blair encontra o meu; os nossos semblantes carregados espelham-se.

— Acredita que sei como te sentes. Mas agarrares-te ao passado não é saudável, sobretudo quando vocês não estão em sintonia.

Bebo o resto do vinho e pego na garrafa com avidez. Quando a Blair se mudou para cá há uns meses para cuidar da nossa mãe, reatou com o namorado do liceu e agora é uma especialista em relações, aparentemente.

— É fácil falar, no teu caso, quando o amor da tua vida fez todos os possíveis para te reconquistar como que por magia. Agora estás toda radiante e tudo.

— Passámos mais de uma década separados — afirma. — Dá uma oportunidade ao Alex para sentir a tua falta.

Dou um gole e encolho os ombros. O vinho desce mesmo bem quando estou a falar sobre o meu ex.

— Mas isso também implica mantê-lo afastado do Jonas.

— Ele tem ido visitá-lo?

— Bem, não, mas...

A porta de correr de vidro interrompe a minha frase, e o nosso pai aparece com o olhar a reluzir de orgulho e um prato cheio de hambúrgueres fumegantes.

— *Que bom* — murmura a Blair para dentro do copo. — Parece que vamos andar a comer hambúrgueres nos próximos três dias.

Depois de esvaziar o copo — *ainda bem que posso ir a pé para casa* — sigo o resto da família até à mesa. Sentando-me numa cadeira vazia, vejo o Jonas despejar ketchup no seu hambúrguer de queijo com uma quantidade preocupante de tensão e angústia estampada no rosto. Parece mais um cinquentão amargurado a passar por um divórcio difícil do que um miúdo de 10 anos a começar as férias de verão. Recordo a ternura do seu sorriso e o modo como levantava o olhar para mim em bebé, com os braços esticados a pedir que

lhe pegasse ao colo. Era mais fácil nessa altura; acreditava em cada mentira sobre o paradeiro do pai e não questionava as minhas decisões. Não mereceu todas essas mentiras, mas também não merece a verdade.

Nenhum miúdo deveria ter de enfrentar a realidade de que o pai não o quer.

3

Colt



— Ela é que é a patroa. Eu só trabalho aqui. — Aponto com a cabeça para a *Betty* enquanto a vejo manter uma distância de segurança à volta da manada, fitando-a com um olhar intenso e uma boca aberta, ofegante.

Esta boiadeira-australiana de 5 anos é o amor da minha vida, mas também consegue ser uma peste. Contudo, apesar do número de sapatos e cabos de telemóvel que destruiu em bebé, e da quantidade de vezes que o pessoal no meu dormitório no Rancho Wells já ameaçou dar-lhe um tiro, tem-se mostrado uma cadela de trabalho fantástica. E uma amiga ainda melhor.

Além da minha mãe, a *Betty* é a única miúda de que preciso.

— Ela vai roubar-te o emprego — diz o Red, o dono oficial do rancho, para o gargalo largo de metal da sua garrafa de água. Após um trago demorado, volta a encaixá-la no alforge com ruído e aponta com o queixo para o gado que estamos há uma hora a separar. — Talvez seja boa ideia começares a comer ração para convences o Austin a manter-te empregado. Se ele somar os custos adicionais de te alimentar e alojar, aposto que te põe na rua e fica com a cadela.

— A *Betty* é uma senhora cheia de classe. A ração não lhe chega. — Inclino-me para a frente na sela, ajustando o meu chapéu de palha para travar a luz ofuscante do sol a meio da manhã. — Os *cappuccinos* caninos acumulam-se num instante.

O Red levanta a sobrancelha e fita-me, dizendo tudo e nada ao mesmo tempo.

— Ela gosta de um mimo especial depois de um longo dia de trabalho, por isso dou-lhe um *cappuccino* canino, que é um bocadinho de chantilly numa chávena de café com um biscoito em forma de osso por cima.

Sem dizer uma palavra, o Red dá um leve empurrão de lado à sua égua para se afastar.

A *Betty* desata a correr, mordiscando a perna traseira de uma bezerro perdida para a encorajar na direção do resto da manada, e olha-me por cima do ombro, como se esperasse instruções minhas. Ambos sabemos que não precisa delas. Já treinámos as ordens básicas, mas, entre o instinto natural e os anos de experiência, mal as usamos.

Sob o céu de verão, num rancho tão vasto que provavelmente nunca pisarei toda a sua extensão, humedeço os meus lábios secos e vejo os outros meterem o gado já selecionado pelo Austin num curral. A minha mão calejada agarra o laço de corda e o meu olhar prende-se em dois bezerros particularmente teimosos que continuam sem se mexer, mesmo quando a *Betty* ladra e lhes mordisca os focinhos. Antes que os consiga alcançar, a *Betty* obriga-os a atravessar o portão e apressa-se a regressar alegremente.

— Podias pelo menos fingir que eu mando alguma coisa — grito para ela.

Com o ruído metálico do fecho do portão, a *Betty* deita-se na relva, à sombra do reboque para gado. Tendo o céu limpo como fundo, o chão irradia ondas de calor visíveis — nesta altura do ano, não começamos os carregamentos até ao pôr do sol. Depois, o semireboque transportará o gado até à província seguinte sob o manto fresco da noite.

No preciso momento em que outros trabalhadores do rancho começam a planejar dar um mergulho rápido na muito pouco funda piscina artificial ao pé do rio, o meu telemóvel solta o toque de um dos meus patrões. O Rancho Wells é gerido por três irmãos, mais o Red, e, por alguma razão, tenho de responder a todos. Nos meus poucos anos aqui, fui subindo na cadeia alimentar. Gosto de pensar que o motivo pelo qual não me deram um título oficial é exclusivamente o facto de não precisarem de *cinco* chefes. Honestamente, quatro já parecem demasiados na maior parte do tempo.

Ajustando-me na sela, tiro o telemóvel do coldre de couro no meu cinto. A bolsa à pai de meia-idade é ridícula, mas, depois de ter partido três telemóveis ao tentar andar atrás do gado com eles no bolso, preciso de uma solução.

Denny: Preciso que me vás buscar uma coisa.

Colt: Agora? O quê?

Denny: Um miúdo de 10 anos em Wells Canyon. Trá-lo para o rancho e dá-lhe umas tarefas.

Colt: Isso soa a crime.

Denny: Se não fores estranho, corre tudo bem. É o sobrinho da Blair.

Os meus conhecimentos sobre como cuidar de crianças estão limitados aos cabritos que criei na organização 4-H. Descobri que sou um ás a dar-lhes o biberão. No fim, depois de os vender no leilão, ganhei o suficiente para comprar um barquinho de alumínio para pescar. Contudo, quase de certeza que o meu conhecimento vago sobre cabras não me irá ajudar nesta situação.

Colt: Ele não precisa de uma cadeirinha?

Denny: Tem 10 anos... por isso, não.

Denny: Mete-o a limpar os estábulos ou assim.

A cabeça da *Betty* pende da janela do passageiro, com a língua de fora a lamber o ar veranil durante toda a viagem até Wells Canyon.

A Main Street está decorada com floreiras pitorescas e cestos a transbordar de flores, pendurados nos poucos candeeiros de rua. Embora Wells Canyon apenas tenha uma população normal de poucos milhares de residentes, parece que recebemos sempre muitos turistas nos meses de verão. E numa sexta-feira soalheira e quente em julho? A pequena baixa da cidade está à pinha.

Abrando para deixar uma família de quatro atravessar a estrada, com enormes cones de gelado nas mãos. Planeara parar algures para beber um chá gelado — e o prometido *cappuccino* canino — mas entre as caravanas e as motas, não avisto um único lugar de estacionamento.

Quer tenha visto ou cheirado o café primeiro, a *Betty* ladra num tom agudo e esganiçado, olhando por cima do ombro ao começar a babar-se em antecipação.

— Agora não há petiscos, *Betty Spaghetti*. Já voltamos depois de irmos buscar o miúdo.

Quando deixo a Main Street, os visitantes eclipsam-se num instante e não demoro a estacionar em frente a uma casa branca em estilo clássico. Olho para o telemóvel para confirmar que estou na morada certa e deixo a carrinha ligada para a *Betty*.

Como está um calor dos diabos na rua, pego na bainha da camisola e abano-a para encorajar uma brisa a subir-me pelas costas enquanto ando até aos degraus da entrada. Dou umas pancadas secas na porta preta com os nós dos dedos, fazendo o meu melhor para minimizar o contacto com a superfície a esquentar.

Depois, espero. *Bato outra vez*. Espero.

Chegam-me sons de uma confusão a acontecer no interior e, não fosse o receio de enfurecer o Denny, já estaria a pôr-me a milhas daqui. Uma voz feminina grita algo que não consigo compreender, e o volume vai subindo, embora as palavras continuem impercetíveis, mesmo antes de a porta se escancarar.

— Olá — saúda-me ela, com um suspiro exasperado. — Deves ser o Colt.

A mulher agarra-se à borda da porta como se fosse a única coisa a mantê-la de pé. É alta e bonita, de certeza que é a irmã da Blair, com o mesmo cabelo castanho e a pele clara. Mas parece mais severa que a Blair — com um fato preto justo e uma expressão séria a torcer-lhe o canto da boca, numa ligeira careta.

Deve ir a um funeral. Por isso é que precisa de um baby-sitter.

— Olá, sim, sou o Colt. — Nervoso, esfrego a palma direita na parte da frente da camisola e estico-a para a cumprimentar.

Cresci a poucas horas de Wells Canyon — e mudei-me para cá há uns anos para começar a trabalhar no rancho — por isso, suponho que não seja espantoso que nunca nos tenhamos conhecido formalmente, mas como é que nunca a tinha visto? Nunca a vi no meio de uma multidão ou apenas de passagem; não pus a vista em cima desta mulher uma única vez, o que não deveria ser possível numa cidade pequena. As pessoas cruzam-se quer queiram quer não. Uma cara tão bonita como a dela já me deveria ter feito parar de repente há muito tempo.

— Whit... — afirma num tom tímido, perscrutando-me devagar com os olhos verdes vibrantes enquanto afasta a mão suave e quente da minha.

Para alguém mais burro do que eu, talvez pareça que me está a galar, mas tenho consciência de que me está a esmiuçar sem palavras, anotando todos os defeitos ao torcer o nariz de um modo sarcástico.

Quando o seu olhar repugnado finalmente se cruza com o meu, pergunta:

— O que tens vestido?

Ao olhar para baixo, apercebo-me do meu erro. Depois das mensagens do Denny, tomei um duche rápido e vesti as peças de roupa limpas mais à mão de semear, que foram umas calças de ganga pardas e uma t-shirt velha cujas mangas cortei com um canivete.

Sendo mais específico, é uma t-shirt com a imagem de...

— Uma *stripper*? A sério? Achaste adequado vir buscar o meu filho de 10 anos com uma camisola com a imagem de uma *stripper*?

— Não estava bem a pensar...

— E não é só uma *stripper*... tinha de dizer «APOIO MÃES SOLTEIRAS» por baixo? — Ela abana a cabeça, fechando um pouco a porta.

— B-bem..., eu apoio *mesmo* as mães solteiras, para que conste — balbucio. — Quero dizer... não apoio mães solteiras que façam *striptease*... Não, não, também apoio isso. Positividade sexual. Confiança física. Direitos das mulheres.

Gesticulo desajeitadamente, pontuando cada palavra, enterrando-me cada vez mais. Com um baque seco, deixo cair as mãos contra o corpo e mostro um sorriso tímido à rainha do gelo à minha frente.

Contra o meu bom senso, prossigo:

— Não é que... *apoie* as *strippers*, se é que me entendes. Mas apoio a sua escolha de o fazerem, sabes?

— *Certo*. — Uau. Ela *não* parece nada contente. — A escolha de vestuário não me inspira propriamente confiança de que és capaz de cuidar do meu filho. Portanto, não te preocupes. Foi, hum... um prazer conhecer-te. Vou ligar ao Denny e informá-lo de que o Jonas pode ficar comigo em casa hoje.

Quase me desfaço sob o peso do seu olhar. Pontadas agudas de suor descem-me pela espinha. Mais uma vez, uma brisa fresca viria *mesmo* a calhar. O Denny não se chateia com frequência, mas não acho que vá ser muito compreensivo se aparecer no rancho sem este miúdo.

— Foi uma má escolha de t-shirt. Compreendo perfeitamente. Deixa-me só... — Agarro na bainha e puxo-a por cima da cabeça. — Virá-la ao contrário, assim ninguém ficará a saber.

Perante o seu olhar pouco impressionado, viro o tecido do avesso e volto a vestir a t-shirt. Apontando para a parte da frente com um gesto à apresentador de televisão, atiro-lhe um sorrisinho.

— Pronto. Resolvido.

— Ainda consigo ver os contorn...

— Só se te esforçares muito. — Enfio os braços nos buracos da camisola sem mangas e viro-a ao contrário para que quaisquer contornos existentes da mulher a dançar no varão assentem mesmo no meio das minhas costas. — Tenho o curso de primeiros socorros e todos os pontos da carta de condução. Não fumo nem bebo muito. Além disso, o Denny é capaz de me dar um tiro se voltar sozinho.

As suas unhas curtas pintadas de preto tamborilam na porta e, embora os seus lábios permaneçam imóveis, um sorriso surge no canto dos seus olhos.

— Vais levá-lo diretamente para o rancho?

— Sim, senhora.

Fica em silêncio por momentos, a balançar sobre os saltos altos e a refletir sobre a minha resposta. Depois, vira-se para olhar por cima do ombro e grita:

— Jonas, vamos.

Enfio as mãos nos bolsos, vendo-a morder o lábio inferior ansiosamente quando o miúdo responde algo que não compreendo bem.

A Whit vira-se para me encarar, expirando com força pelo nariz.

— Ele já vem. Obrigada por lhe darem algo para fazer hoje.

— Ora essa.

Um miúdo magrinho com cabelo louro sujo aparece ao lado dela, com a mochila alçada ao ombro. Só pode ser seu filho, tendo em conta a forma como me faz frente. Porra, acho que um miúdo de 10 anos nunca me tinha intimidado assim. Parece estar a um comentário em falso da minha parte de meter açúcar no meu depósito de combustível.

— Deves ser o Jonas.

— A tua camisola está ao contrário — responde com um olhar crítico. — Porquê?

Os meus olhos piscam entre um e outro. À exceção de partilharem a capacidade incrível de me fazerem querer fugir com o rabinho entre as pernas, não são nada parecidos.

— Oh, hum... a parte da frente ficou suja de comida.

Ele arqueia a sobrancelha, depois vira-se para a Whit.

— A sério que me estás a mandar ir com este tipo?

A mãe acompanha-o para fora da porta.

— Vais ficar bem... *Acho eu.*

Dizer que está mortinha por se livrar do filho durante a tarde é um eufemismo. Fecha a porta tão depressa que finalmente apanho a brisa de que precisava.

O Jonas arrasta-se até à minha carrinha em ponto morto, parando ao chegar à porta do pendura.

— Tens um cão? — A alegria fugaz no seu tom é inegável.

— É a *Betty* — respondo ao miúdo, cuja expressão voltou a ficar fria como pedra. — Gostas de cães?

— São fixes.

Entro na carrinha e pego na *Betty* pela coleira para a afastar do lugar do passageiro. Ela não adora a ideia de ceder o acesso à janela, mas consegue lidar com isso. De vez em quando, gosto de a lembrar de que outros humanos podem andar connosco — para manter o seu ego sob controlo.

Observo o Jonas pelo canto do olho para confirmar que consegue apertar o próprio cinto, depois arranco, aumentando o volume do rádio para abafar o silêncio confrangedor.

Dançando com os dedos ao ritmo de uma música *country*, reparo num único lugar livre de estacionamento mesmo em frente à pastelaria da Anette. Sem pensar duas vezes, viro o volante com força e faço uma travagem brusca.

Sei que disse à Whit que íamos diretamente para o rancho, mas estou dividido entre duas mulheres possesas e, neste momento, manter a *Betty* feliz é mais importante.

O Jonas agarra o puxador da porta.

— Tenho sede. Também posso pedir uma bebida?

— Claro. Tens dinheiro?

O miúdo parece ficar pasmado com a minha pergunta simples.

— Não...

— Então não sei o que pensas pedir. Já volto — afirmo, já a sair pela porta. — Tens... permissão para ficar sozinho na carrinha por um minuto?

— Sim, *duh*.

O ar no exterior da pastelaria da Anette transporta a mistura perfeita de café, pão fresco e aroma a canela e açúcar. Está tão apinhada que os sininhos pendurados na porta de vidro à entrada mal se ouvem quando entro, e a fila para pedir estende-se até ao fundo do pequeno café. Ainda bem que o meu pedido é para levar, tendo em conta que todas as poltronas grandes, mesas pequenas e espaços para nos encostarmos à parede estão ocupados.

Contorno um trio de mulheres a selecionar os produtos locais dispostos numa prateleira de madeira e quase tropeço numa criança a gatinhar no chão gasto.

Ainda bem que costumo receber um tratamento especial aqui, tal como deve ser em estabelecimentos que visitamos quase todos os dias, independentemente de ser a época alta ou não. Assim, a dona do café, uma senhora pequena com cabelo grisalho, pisca-me o olho atrás da caixa registadora e uma das suas funcionárias adolescentes começa a preparar o pedido mal me vê. Quando termina, entregou-lhe uma nota de dez e saio antes que a fila tenha avançado uns centímetros.

Esforçando-me para segurar o meu *frappé* com pepitas de chocolate — *e chantilly extra, como sempre* — mais o *cappuccino* canino da Betty e uma água gelada para o Jonas, abro a porta da carrinha.

— Aqui tens. — Empurro o copo transparente cheio de água na sua direção, depois dou o doce à cadela antes que ela me arranque o braço.

— Água? — O Jonas torce o nariz. — Mas tu tens essa coisa.

— Disseste que tinhas sede. — Encolho os ombros, levando a palhinha azul aos lábios, saída de uma dose generosa de *chantilly*. — E não tens dinheiro. Água é a única coisa grátis no menu.

O Jonas atira a bebida para um suporte para copos vazio e afunda-se no assento. Continua a fazer birra durante toda a viagem até ao Rancho Wells, ignorando as repetidas tentativas da *Betty* para receber festinhas.

Contudo, ao passarmos ruidosamente por cima da grelha para gado, a cadela atropela-o para colocar a cabeça pela janela. Depois de um minuto a resmungar e a tentar afastá-la, o Jonas desiste e coloca o braço à volta do pescoço felpudo, endireitando-se para ver melhor o rancho vasto; para ver as casas brancas e os celeiros a projetar sombras na relva alta, os campos com fileiras de fardos de feno redondos e cavalos a levantar as cabeças para nos verem chegar à entrada. Não conheço ninguém que seja imune ao charme do rancho, e o Jonas não é exceção, com um brilho no olhar e um pequeno sorriso nos lábios.

ELA TEM MEDO DE NÃO SER SUFICIENTE. ELE VAI GARANTIR-LHE QUE É.

Whitney Hart não tem mãos a medir com a educação de Jonas, o seu filho de 10 anos, e o ex-namorado só aparece para ajudar quando está solteiro e com vontade de reatar. Portanto, com o comportamento de Jonas a piorar de dia para dia, não lhe resta outra alternativa a não ser aceitar a ajuda da sua irmã Blair para tomar conta dele durante as férias de verão.

É então que aparece Colt, um cowboy do Rancho Wells encarregado de manter Jonas ocupado com algumas tarefas, e que depressa cria laços com o rapaz. Enquanto Jonas encontra nele um mentor e uma figura paternal pela primeira vez na vida, Colt descobre uma amizade que lhe traz uma nova alegria de viver.

O carinho que nutrem por Jonas faz com que Colt e Whit desenvolvam também uma amizade especial, que, com o tempo, começa a transformar-se em algo mais. A atração e a química entre eles é difícil de ignorar, mas as inseguranças de Whit e a sua hesitação em confiar nos homens levam-na a querer afastar-se.




No entanto, à medida que o tempo passa, Whit apercebe-se de que, afinal, só precisa de encontrar o seu próprio rumo.

**NÃO PERCA,
DA MESMA
SÉRIE:**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 topseller_editora
 topseller.ed
 penguinlivros

ISBN: 978-989-5960-86-6



9 789895 960866